

participar da nova evangelização (cf. n. 106). Pois “a evangelização -e, portanto, a “nova evangelização”- comporta também o anúncio e a proposta moral” (n.107). A conversão e a vida nova são elementos integrados da resposta de fé ao anúncio do evangelho.

Com relação ao mundo, a encíclica, ao defender a existência de uma lei moral apodíctica, ou seja, universal e permanente, coloca a base para uma verdadeira defesa da dignidade humana, dos direitos da pessoa, da sua consciência. Sem a existência de uma lei natural, como falar de direito natural? Como condenar os assim chamados crimes contra a humanidade?

Devemos ainda observar que a encíclica não impõe limites exteriores à consciência, mas mostra seu fundamento interior e sua raiz transcendente. Fortalece assim aquilo que podemos chamar os direitos da consciência.

Enfim, num mundo cuja crise em diversos setores está marcada por uma desorientação no campo da moral, a *Veritatis Splendor* aparece como voz forte, segura e clara. Ao colocar como fonte da

vida moral em geral a lei natural e sua aplicação concreta pela consciência, ela mostra que a verdadeira vida moral não consiste numa moral de atos, isto é, num agir mecânico baseado num elenco de coisas permitidas e proibidas. A autêntica vida moral engaja a pessoa a partir de seu mundo interior. Implica liberdade e responsabilidade. Ensina S. Tomás que para realizar o bem moral não é suficiente fazer tudo “segundo a reta razão”, mas ocorre fazê-lo “com reta razão”³. Isto significa que, para agir bem, é necessário uma motivação interior. A verdade moral habita no interior da pessoa. Esta é, a meu ver, uma das teses principais da encíclica *Veritatis Splendor*, documento necessário e oportuno para a Igreja e para o mundo neste final do segundo milênio.

Pe. Beni dos Santos é Doutor em Teologia e Prof. de Eclesiologia e Pneumatologia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.
End.: Av. José Olegário de Barros, 670
12060-400 Taubaté - SP

3. *Setentia Libri Ethicorum*, VI, 11, 107-117.

A LINGUAGEM NO UNIVERSO NEGRO E FEMININO:

VISÃO TEOLÓGICA E SOCIAL

Dagoberto José Fonseca

INTRODUÇÃO

A linguagem está intimamente ligada à tradição e à memória dos indivíduos, ao mundo das idéias e ao conjunto de valores sócio-culturais de cada sociedade em um determinado período de tempo e em um espaço geográfico específico. Ela expressa a ideologia e a hegemonia dos segmentos sociais, os conflitos étnico-raciais e de gênero, estabelecendo-se como uma fonte fundadora de práticas cotidianas diversas e adversas.

A linguagem tem como fator primordial de expressão e comunicação a palavra oral. Por meio dela os mais variados grupos sociais e comunitários estabelecem sua comunicação e fazem a interpretação dos diferentes momentos da sociedade ao longo da história.

A TRADIÇÃO, A MEMÓRIA E A ORALIDADE AFRICANA

Na sociedade ocidental predomina a *palavra escrita* sobre a

falada. Através dos registros manuscritos busca-se a legitimidade da “verdade”, do fato. Resguarda-se aos grupos, as corporações e classes sociais letradas e dominantes o papel de serem as difusoras da “verdade histórica e científica”.

Pierre Clastres faz uma crítica à sociedade ocidental baseando-se nas sociedades indígenas, “o discurso ingênuo dos “selvagens” nos obriga a considerar o que poetas e pensadores são os únicos a não esquecer: que a linguagem não é um simples instrumento, que o homem pode caminhar com ela, e que o Ocidente moderno perde o sentido de seu valor pelo excesso de uso a que a submete. A linguagem do “homem civilizado” tornou-se completamente exterior a ele, sendo apenas um meio de comunicação e informação. A qualidade do sentido e a quantidade dos signos variam em sentido inverso. As “culturas primitivas”, ao contrário, mais preocupadas em celebrar a linguagem do que em servir-se dela, souberam

manter com ela essa relação interior que é já em si mesma aliança com o sagrado. Não há, para o "homem primitivo", linguagem poética, pois sua linguagem já é, em si mesma, um poema natural em que repousa o valor das palavras"¹.

Tierno Bokar, tradicionalista africano, critica a preponderância da escrita na sociedade ocidental afirmando que, "a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente"².

Na África Sub-Saariana a tradição oral e fator primordial para a comunicação entre os diferentes agentes sociais. A oralidade é transmitida através de uma complexa trama simbólica, constituída e instituída pela e na relação interpessoal, alinhavando o cotidiano dos indivíduos, demarcando espaços, combinando as múlti-

plas representações e signos.

A linguagem, a palavra, nas sociedades africanas é um dos sustentáculos do enorme e fantástico código social e cosmológico. Assim é por meio da fala que se preserva a sabedoria e o conhecimento dos antigos e dos ancestrais. É através dela que se dá o testemunho, se nomina e se cria coisas; pelo seu intermédio se manifesta o poder simbólico e cósmico e se afirma ante a realidade concreta da sociedade.

A linguagem é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade Primordial.³

É a partir da palavra e de sua força fundadora, juntamente com a gestualidade, que se funda e se finda a comunicação entre o inseparável mundo sagrado-profano das sociedades africanas. Através da palavra, de símbolos e segredos que se instaura e se consolida a identidade mística e mítica do grupo. Assim, ela "ultrapassa seu

1. Clastres, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado*, Ed. Francisco Alves, Trad. Theo Santiago, 4ª ed., RJ, 1988, pp. 88.

2. Extraído de Hampate Bâ, A., *A Tradição Viva*, in *Metodologia e Pré-História da África, História Geral da África*, Ed. UNESCO/Ática, Coord. Joseph Ki-Zerbo, 1ª ed., Vol. 1, SP, 1982, pp. 181.

3. *Idem*, pp. 183.

conteúdo semântico racional para ser instrumento condutor de *ásé*, isto é, um elemento condutor de poder de realização. A palavra faz parte de uma combinação de elementos, de um processo dinâmico, que transmite um poder de realização"⁴.

Asé é a força vital que dinamiza todo o universo material e imaterial, cósmico e terreno, da sociedade e cosmogônia *nàgó* sem a qual os seres não teriam existência e nem transformação. A força vital *nàgó* está ligada e é veiculada por Exu, que é o princípio da comunicação, sendo o linguísta e o intérprete do sistema *nàgó*, juntamente, com Orunmilá, também conhecido sob o nome de Ifá. A sociedade Bantu, também, tem o seu princípio dinamizador - o *Muntu*.

O MITO DA PALAVRA E A TRADIÇÃO BAMBARA

Na sociedade e tradição Bambara, o homem - o tradicionalista - é o único ser capaz de entrar em contato com *Maa Ngala* por meio da fala. O homem adquiriu a capacidade de responder-lhe, tornan-

do-se no seu interlocutor. As palavras provindas de *Maa Ngala* eram divinas, mas quando entravam em contato com o corpo, com a matéria humana transubstanciavam-se em "algo" sagrado. Assim, através do corpo e de suas vibrações e palavras sagradas, o homem comunica-se com Deus. Na tradição Bambara, região do Mali, o Deus Supremo, *Maa Ngala*, criou e tornou o homem herdeiro do poder de criar, tendo o dom da mente e da Palavra, o zelador da harmonia do cosmo. *Quando Maa Ngala fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala. A fala é a emanção das forças que residem no ser divino e humano, percebe-se que no universo tudo fala e ganha corpo, forma e espírito.*⁵

A PALAVRA NAS RELIGIÕES TRADICIONAIS E EM CRISTO

A palavra falada é um dos veículos condutores das religiões tradicionais africanas, por intermédio dela é que tanto os Babalorixás, Yalorixás e adeptos, os "filhos

4. Santos, Juana E. dos, *Os Nàgós e a Morte: Pàde. Asèsè e o Culto Egun na Bahia*, Ed. Vozes, 5ª ed., Petrópolis, 1988, pp. 46.

5. O mito foi extraído de Hampate Bâ, A., op. cit., pp. 184-185.

de santo”, estabelecem e propagam sua crença e distribuem o seu *âxé*. E com as “palavras sagradas” que eles encontram sua força fundadora e motriz, fundamentando a identidade grupal e religiosa, essentando seu mundo material e imaterial a partir e através dela - a palavra - que juntamente com o gestual, reacende e revive a memória dos antigos e dos ancestrais.

Podemos constatar a força da palavra e o seu vigor quando ligada à religiosidade do povo, particularmente, o pobre e descendente de africanos, também entre as benzedoras ou rezadeiras, na medida em que por intermédio das várias orações, quase ininteligíveis, dessas senhoras se estabelece a cura, a melhora de algum “mal”.

De modo similar, se constata que Jesus Cristo tinha na palavra seu grande veículo de comunicação, salientando sua força e fonte fundadora de vida e segredo expressa nas parábolas. Na palavra reside o Mistério, tanto que Jesus dizia após a parábola do semeador: “Quem tem ouvidos para

ouvir, que escute bem! (...) Quando ele ficou sozinho, os seus junto com os doze, perguntaram-lhe o sentido das parábolas. Ele lhes respondeu: “A vós é revelado o mistério do Reino de Deus. Mas aos outros, tudo é comunicado por meio de parábolas, de sorte que: *“Olhando não vejam, ouvindo não entendem, e jamais se convertem e lhes sejam perdoados os pecados”*. E continuou: “Não compreendeis esta parábola? Como compreendereis, então, todas as outras? O que o semeador semeia é a palavra ...”⁶. As palavras de Cristo engendram o ocultamento, o enigma da certeza, com isso a manutenção do segredo cósmico-religioso cristão, sobre o qual se assenta o poder do sacerdote.

Acredita-se que Cristo ao *falar anunciava por meio da palavra a verdade, através dos gestos o caminho e no corpo irradiava a vida em toda a sua plenitude*. A palavra, assim em Jesus Cristo e na cultura e tradição africana, ordena e dá vida, sendo um sopro divino e sagrado.

6. Marcos, 4, 9-14, in *Bíblia: Mensagem de Deus*, Ed. Loyola, 1ª ed., SP, 1980, pp. 59.

Ver Lucas, 8, 8-11, idem.

A PALAVRA E A VERDADE

A tradição oral africana marca profundamente a história e a cultura do grupo social, portanto a força e reafirmando o peso fundador da palavra, enquanto código civilizatório, histórico-cultural e religioso, que representa a emissão do divino e do sagrado.

Como já foi mencionado, nas sociedades africanas, a palavra é concebida como portadora da absoluta verdade, expressando o real e o imaginário de forma contundente e inquestionável. Neste cenário a “mentira” pode gerar a morte, pois nega, corta a energia vital que circula no grupo social a partir dos indivíduos, gerando a desconfiança e prejudicando a constituição de uma identidade social que se constrói nas relações interpessoais.

A “mentira”, segundo os africanos vinculados a tradição, pode acarretar na desarmonia do universo social e cósmico. O homem que a expressa, em alguma de suas mensagens, pode criar em verdadeira desgraça, se suicidando; ele separa-se de si ou é excluído do grupo social e familiar. O homem que mente, segundo o adágio africano, deve preferir a morte, fazendo um bem a si mesmo e aos seus,

dirimindo possíveis prejuízos ou sanções sociais e religiosas.

Vale precisar que a palavra na sociedade ocidental é utilizada de forma oposta das sociedades africanas, tornando-se um mecanismo que articulado pelo exercício do *bem falar*, ou seja, da retórica, da oratória, conquista e consolida por meio do consenso o poder político-econômico e sócio-cultural - religioso.

Jean Starobinski confirma a partir de Rousseau, que a palavra e a linguagem, de maneira genérica, no Ocidente foram utilizadas como mecanismos ideológicos e de obtenção de poder. “Rousseau assinala com nitidez o ponto de partida e o ponto culminante da história da linguagem. De um lado, a origem silenciosa; de outro, a função política: persuadir homens reunidos, solicitar seu comum consentimento, influir sobre a sociedade (...) Rousseau nos incita a considerar a perversão possível da palavra, que a impedirá de atingir seu apogeu eloquente, ou que, depois de um período de plenitude, a arrastará para o caminho da decadência. A linguagem degenera, corrompe-se, torna-se discurso abusivo, arma envenenada: o homem, simultaneamente, desencaminha-se, comporta-se como enganador e mau. Da mes-

ma maneira que o nascimento da sociedade corresponde à emergência da linguagem, o declínio social corresponde a uma depravação lingüística (...) A palavra ardilosa exerce uma violência dissimulada. Vemos aqui a palavra empregada em sua função social, mas para instituir a má socialização, a sociedade da desigualdade”⁷.

A palavra mentirosa torna-se um “mal inelutável, perverte a sociedade e faz da linguagem cultivada o agente infectante de um logro universal. Ninguém, então pode permanecer indene. Mentira, ficção, ilusão formam o próprio meio em que evoluem as sociedades civilizadas. Brilhante como o ouro, a palavra, convertida ela também em moeda de troca, torna o homem estranho a si próprio”⁸.

A “verdade preconceituosa” difundida em relação aos negros e outros excluídos sociais estruturou-se a partir da percepção da classe dominante de que, a palavra tinha um poder de persuasão e penetração nos segmentos populares. Esses segmentos, na sua maioria, de analfabetos, tem na palavra falada um dos seus únicos

meios de comunicação social, pelo qual estruturam seus códigos de honra, estabelecem seu contrato social, sua verdade e vida, acreditam na palavra falada e obedecem o senso comum, representado, por vezes, em um “*fio de bigode*”.

Em resumo, constata-se que a força da palavra é enorme. Mas que a sua utilização e proposição diferencia-se e, mesmo, se opõe quando comparada entre ameríndios ou africanos em relação aos “ocidentais”. A palavra, que instaura a verdade e a vida material, simbólica e cosmológica dos grupos africanos, sofre, no ocidente, alterações profundas, instaurando e legitimando a “mentira” que se encontra comumente no discurso ideológico.

A PALAVRA: VEÍCULO SOCIAL

A palavra é um veículo fundador de valores sociais, culturais, estando vinculada a história das sociedades, estabelecendo comunicações e promovendo a “civilização”, por meio da comunicação e de seu poder político e religioso.

Neste sentido, a linguagem e a palavra, propriamente dita, codifica, decodifica e expressa a ideologia dos grupos e classes sociais detentores dos meios de comunicação social e da indústria cultural, na medida em que promovem a inversão ou a distorção do real.

Vale lembrar que, a linguagem escrita ou falada, ou qualquer outra forma de expressão veicula as idéias e o que deve ser ideologizado na linguagem a partir da visão de mundo da classe dominante. Desta maneira, se afirma que as idéias dominantes são as da classe dominante que rege uma determinada época, sendo portadora e emissora de uma verdade que estrutura o pensamento e os códigos éticos e morais de uma sociedade.

A linguagem atravessada pelos interesses classistas, corporativos e visões de mundo enfatiza e consolida a exclusão e a discriminação étnico-racial, sócio-cultural e de gênero a partir do racismo, do nacionalismo exacerbado, do machismo e do sexismo.

Neste sentido, a palavra ou a linguagem é um veículo de e do poder de falar. Tanto que Pierre

Clastres lembra que, “falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra (...) Palavra e poder mantêm relacionamentos tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro. Príncipe, déspota ou chefe de Estado, o homem de poder é sempre não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima: palavra empobrecida, palavra certamente pobre, mas rica em eficiência, pois ela se chama ordem e não deseja senão a obediência do executante (...) Toda tomada de poder é também uma aquisição de palavra”⁹.

Lourival Holanda diz que, “a exploração do homem tem seu esteio no arrancar-lhe a palavra: emudecê-lo é reduzi-lo a nada; é, assim, facilitar o mando - impedindo ao outro a palavra que forja a possibilidade de sonhar outro destino, diverso (...) O próprio do escravo é o silêncio: cala sua voz e acolhe a alheia (...) Reduzir alguém ao silêncio é matá-lo”¹⁰. A posse da palavra, o manuseio da linguagem são, também, molas propulsoras para a manutenção e obtenção do poder e de difusão de

7. Starobinski, Jean, *Jean-Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo*, Ed. Cia. das Letras, Trad. Maria L. Machado, 1ª ed., SP, 1991, pp. 316-317.

8. *idem*, pp. 317-318.

9. Clastres, Pierre, op. cit., pp. 106.

10. Holanda, Lourival, *Sob o Signo do Silêncio: Vidas Secas e o Estrangeiro*, Ed. EDUSP, 1ª ed., Col. Criação & Crítica, Vol. 8, SP, 1992, pp. 42-43.

preconceitos contra negros, mulheres, nordestinos, judeus, muçulmanos, homossexuais etc.

A VOZ DO RACISTA E DO MACHO: REVISTA E TRANSFORMADA

A difusão da palavra em nossa sociedade pertence a segmentos sociais restritos, mormente, à "brancos" "homens". Possibilitando a que estes divulguem suas idéias, sua ideologia, seus valores, pelos diversos meios de comunicação social, tanto os formais como os informais, os sérios e os cômicos.

A existência de mensagens preconceituosas que são divulgadas na sociedade é, em parte, fruto desta "visão de mundo" distorcida e alienada que se tem do "outro" que forja e propicia a preponderância desta prática no cotidiano social, tornando possível a que o povo faça uso de palavras e termos carregados de estereótipos e estigmas, ou seja, de uma refinada violência contra negros e mulheres.

A frequente associação do contingente negro à fatores malignos que se vinculam a credence popular e ao senso comum, mas sobretudo, a ideologia religiosa cristã e a dos segmentos dominantes, bem

como, a discriminação, a marginalização e, mesmo, a criminalização na sociedade brasileira resulta da difusão destas idéias que atravessam, ideológica e maldosamente - porque intencional - a palavra. Daí propiciando a elaboração de frases, ditos, piadas, informações variadas carregadas de estereótipos, achincalhos etc. em relação a este contingente populacional.

Além disso, a comumente vulgarização da mulher, ou melhor, do "universo feminino" em nossa sociedade é a tônica visível do "poder masculino ou do macho" em relação a mulher. A palavra é masculina e masculinizada. Ela é e vem sendo transformada no cotidiano em arma, em artilharia, que submete, aliena e escraviza a mulher à estigmatização e à nudez, quase, absoluta.

O "palavrão", o xingamento entre nós, brasileiros, mergulhados em certa medida na cultura ocidental, por seu turno, atesta esta masculinização da palavra; quando xingamos alguém e protegemos o homem, o pai, e fazemos uma alusão negativa à mulher, à mãe, desse alguém chamando-a de "prostituta". Esta linguagem, independente de sua entonação, da intimidade e da ofensa certifica o machismo cego de um enorme contingente da população brasilei-

ra, inclusive de mulheres, demonstrando, também, uma aberrante negação à mulher que é nossa mãe, tia, irmã, companheira ou parceira.

Os xingamentos, a grosso modo, ainda, estão vinculados a negação violenta do "universo homossexual", assim, de maneira geral, expressam os valores e conceitos construídos a partir da ótica do "macho heterossexual".

Além disso, vale destacar que na construção da coerência textual, da própria língua portuguesa, da linguagem culta com suas concordâncias nominal e verbal, com as regras da sintaxe se vislumbra a preponderância dos artigos *o, os* sobre os artigos *a, as* e outras conformações que denotam a supremacia do gênero masculino sobre o feminino em diversos espaços lexicais, sociais e conjunturais do nosso dia-a-dia. Será esta uma mera questão gramatical?

K. Marx e F. Engels em "*A Ideologia Alemã*" dizem que, a linguagem é tão antiga quanto a consciência, pois ela é uma consciência real, prática, que existe também para si mesma; e a linguagem nasce, como a consciência da carência, da necessidade de intercâmbio com os outros homens". Assim, a linguagem é uma criação e uma recriação que desvenda a realidade histórica e cul-

tural, pois ela está submersa e espalha as idéias de uma época. Ela passa pelo filtro do tempo histórico-cultural, sendo uma concepção de mundo concreta, vinculada às lutas de classes, às relações sociais, étnico-raciais e gênero mais intrínsecas.

Neste sentido, a devida apropriação da linguagem pelos grupos e segmentos excluídos, particularmente, negros e mulheres, neste campo estratégico de luta deve se dar enquanto possibilidade de reversão ou inversão dos códigos, dos signos dominantes, propiciando a construção da positividade, da própria auto-estima, da identidade social, negra e feminina, com seus mais autênticos direitos e seus referenciais cognitivos e representacionais.

A promoção, pura e simples, da ruptura, ou melhor, da recusa e da resistência dos conceitos dominantes pode levar negros e mulheres a caírem em um contrasenso político-cultural e em um esvaziamento lingüístico e semiótico, na medida em que continuam a utilizar os mesmos recursos lexicais e gramaticais, bem como, os valores sócio-culturais dominantes, "apanhando com uma mão o que jogam fora com a outra, instalando em si mesmos, com uma trituratora, o aparelho de pensar do inimigo. Isto não seria nada: mas,

ao mesmo tempo, esta sintaxe e este vocabulário forjados em outros tempos, a milhares de léguas, a fim de satisfazer outras necessidades e designar outros objetos são impróprios para nos fornecer os meios de falar de nós mesmos, de nossas preocupações, de nossas esperanças”¹¹ mediatas e imediatas.

Enfim, no intuito de se libertarem da opressão da linguagem é necessário se imporem um desafio e obrigação, ou seja, o de semearem a desominização e, posteriormente, o enegrecimento e a feminilização das palavras, angariando a natureza negra e feminina

delas e, neste interim, ir triturando, rompendo os códigos, as regras da linguagem, desportuguesando a língua, retirando, em síntese, a associação, a organização símbolo-ideológica habitual do português. Em suma, darem a si a positividade cultural, histórica, religiosa e espiritual merecida e legítima.

Dagoberto J. Fonseca é Prof. de Antropologia da Fac. de Ciências Humanas da Univ. S. Francisco, Mestrando de Antrop. Social da PUC, Membro do Grupo Atabaque/ASETT.

End.: Rua Baltazar V. da Silva, 192
CEP 05775-150 Parque Regina - SP

DOCUMENTAÇÃO PARA A HISTÓRIA DA IGREJA

CONTINUIDADE E SIGNIFICADO DA UTOPIA NA AMÉRICA

*Fernando Torres Londoño e
Maria Aparecida de Souza Lopes*

Durante este século na América Latina não tem sido poucos os que têm descoberto a presença da utopia na história do continente. Se acreditamos com Karl Mannheim que o espírito utópico se define como a insatisfação de determinados grupos sociais com a situação em que vivem, que os leva a almejar uma sociedade diferente à sua, restabelecendo-se assim a ordem e construindo-se uma nova sociedade em torno de idéias de justiça, equidade e participação, a utopia, mesmo que apresentada de diferentes formas,

aparece percorrendo a história do continente.¹

Inspirador das utopias européias do século XVI, o “Novo Mundo” parece ter sido eleito para ser o albergue natural ou mesmo o último refúgio das utopias ocidentais. Desde o sonho milenarista de Frei Gerônimo de Mendieta à ansiosa busca de uma diluída utopia no final do século XX, uma série de diversas expressões parecem apontar para uma continuidade do espírito utópico na América Latina.²

Contudo, depois da queda dos

11. Sartre, Jean Paul, *Orfeu Negro*, in *Reflexões sobre o Racismo*, Ed. Difusão Européia do Livro (Difel), Trad. J. Guinsburg, 2ª ed., SP, 1960, pp. 117.

1 Karl Mannheim, *Ideologia e Utopia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

2 Jean Lafaye, *Mesias, cruzadas, utopias*, México, F.E.E., 1984, p. 98.